

# FUTEBOL MASCULINO E FEMININO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS PROCESSOS HISTÓRICOS E SEUS IMPACTOS NO CENÁRIO ATUAL

*MEN'S AND WOMEN'S SOCCER: A COMPARATIVE ANALYSIS OF HISTORICAL PROCESSES AND THEIR IMPACT ON THE CURRENT SCENARIO*

*FÚTBOL MASCULINO Y FEMENINO: UN ANÁLISIS COMPARATIVO DE LOS PROCESOS HISTÓRICOS Y REFLEJO DE ELLOS EN EL PANORAMA ACTUAL*

Eder Alves de Sousa<sup>1</sup>  
Marina Toscano Aggio<sup>2</sup>  
Valéria Pilão<sup>3</sup>

## Resumo

O futebol é o esporte mais popular do mundo, jogado por homens e mulheres nos mais diferentes lugares desse planeta. No entanto, em alguns países, como o Brasil, os homens praticam o esporte há séculos enquanto as mulheres, segundo a história, não tiveram a mesma oportunidade. Diante disso, o objetivo geral desse estudo foi realizar um levantamento histórico sobre o futebol masculino e feminino, analisando as políticas comparativas de desenvolvimento ao longo do século. Os objetivos específicos são verificar como os processos históricos e culturais influenciaram o desenvolvimento das políticas públicas no cenário atual. A metodologia utilizada foi um levantamento bibliográfico, para compreender os processos históricos, bem como uma análise do *site* da Confederação Brasileira de Futebol, mais precisamente do Portal da Governança, com os Relatórios de Gestão de 2020, 2021 e 2022, que possibilitaram compreender o cenário atual. Com os dados levantados, foi possível compreender que o cenário atual do futebol feminino é reflexo das perdas irreparáveis que o gênero teve na prática do futebol ao longo das décadas. Enquanto a história masculina era pautada em glórias e conquistas, a história das mulheres era carregada de invisibilidade e conceitos culturais. Diante disso, é possível compreender que o fator sociocultural contribuiu significativamente para a evolução do futebol masculino. Apesar dos dados dos relatórios apontarem que o futebol feminino vem crescendo no país, despertando mais interesse das mídias, patrocinadores e do público, ainda é preciso continuar investindo em políticas que promovam equidade econômica, estrutural e social para que a mulher possa aproveitar a prática do futebol.

**Palavras-chave:** futebol; história; gêneros.

## Abstract

Soccer is the most popular sport in the world and is played by both men and women in many different parts of the world. However, in some countries, such as Brazil, men have been playing the sport for centuries, whereas women have not been afforded the same opportunity. The general objective of this study was to conduct a historical survey of men's and women's soccer, analyzing comparative development policies over the century. The specific objectives are to verify how historical and cultural processes have influenced the development of public policies in the current scenario. The methodology used was a bibliographic survey to understand the historical processes, and an analysis of the Brazilian Football Confederation website, more precisely the Governance Portal, with the Management Reports for 2020, 2021 and 2022, which made it possible to understand the current scenario. With the data collected, it was possible to understand that the current scenario of women's soccer reflects the irreparable losses that the gender has suffered in the practice of soccer over the decades. While men's history was based on glory and achievement, women's history was marked by invisibility and cultural concepts. Given this, it is possible to understand that the socio-cultural factor has contributed significantly to the development of men's football. Although the data from the reports indicate that women's football is growing in the country and attracting more

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Bacharelado em Educação Física, Uninter, Brasília, DF, Brasil. E-mail: ederalvess@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre e Professora dos cursos de Educação Física, Uninter, Curitiba, PR, Brasil. E-mail: marina.p@uninter.com

<sup>3</sup> Doutora e Professora da Escola Superior de Educação, Humanidades e Línguas (ESEHL), Uninter, Curitiba, PR, Brasil. E-mail: valeria.p@uninter.com

interest from the media, sponsors and the public, there is still a need to continue investing in policies that promote economic, structural and social equality so that women can enjoy playing soccer.

**Keywords:** soccer; history; genres.

## Resumen

El fútbol es el deporte más popular del mundo, jugado por hombres y mujeres en los más distintos lugares de ese planeta. Sin embargo, en algunos países, como Brasil, los hombres practican el deporte hace siglos mientras las mujeres, según la historia, no tuvieron la misma oportunidad. Ante eso, el objetivo general de este estudio fue realizar una recopilación del historial sobre el fútbol masculino y femenino, analizando las políticas comparativas de desarrollo a lo largo del siglo. Los objetivos específicos son verificar cómo los procesos históricos y culturales influenciaron el desarrollo de las políticas públicas en el panorama actual. La metodología utilizada fue una recopilación bibliográfica, para comprender los procesos históricos, así como un análisis de la página web de la Confederación Brasileña de Fútbol, más exactamente del 'Portal de Gobernanza' (Portal da Governança), con los informes de Gestión de los años 2020-2022, que posibilitaron comprender el panorama actual. Con los datos recopilados, se pudo comprender que el panorama actual del fútbol femenino es reflejo de las pérdidas irreparables que el género tuvo en la práctica del fútbol a lo largo de las décadas. Mientras la historia masculina se basaba en gloria y logros, la historia de las mujeres era cargada de invisibilidad y conceptos culturales. Ante eso, se puede comprender que el factor sociocultural ha contribuido significativamente para la evolución del fútbol masculino. A pesar de que los datos de los informes apunten que el fútbol femenino está creciendo en el país, despertando más interés de los medios, patrocinadores y del público, aunque se necesite seguir invirtiendo en políticas que promuevan equidad económica, estructural y social para que la mujer pueda disfrutar de la práctica de la modalidad.

**Palabras clave:** fútbol; historia; géneros.

## 1 Introdução

O futebol, esporte mais popular do mundo, teve sua chegada no Brasil em 1894, trazido por Charles Miller (Voser; Guimarães; Ribeiro, 2006). Entre os homens brasileiros, a primeira participação na modalidade foi nas Olimpíadas em Estocolmo, em 1912, e o primeiro mundial foi em 1930, no Uruguai. Com a popularização da prática entre os homens, o Brasil recebeu o título de país do futebol, adquirido pelas cinco conquistas de mundiais ao longo do século. Para as mulheres, os primeiros registros da prática foram em 1923, em um jogo amistoso. Nos anos subsequentes, o futebol feminino passou por dois grandes momentos: o Decreto de lei nº 3.199/41, que proibiu a mulher de jogar futebol entre os anos de 1941 e 1979 (Goellner, 2005). Enquanto os homens praticavam o futebol, as mulheres foram proibidas de praticar o esporte por quarenta anos, com a lei sendo revogada apenas em 1980.

Assim, a primeira participação em Mundiais foi em 1991, nas Olimpíadas, em 1996, totalizando um pouco mais de 40 anos de prática do futebol feminino no Brasil. Corroborando com esse histórico, Franzini e Goellner destacam que “[...] diferentemente do futebol masculino, o futebol feminino não usufrui das mesmas condições de visibilidade e do mesmo reconhecimento social” (Franzini, 2005; Goellner, 2003 *apud* Ferreira *et al.*, 2018, p. 120).

O objetivo geral desse estudo, é realizar um levantamento histórico do futebol masculino e feminino, analisando as políticas comparativas de desenvolvimento ao longo do século. Os

objetivos específicos são: verificar como os processos históricos e culturais influenciaram o desenvolvimento das políticas públicas no cenário atual; e analisar os relatórios de gestão da CBF, considerando o número de jogos, transferências e número de movimentações.

A metodologia foi um levantamento bibliográfico em livros, revistas, artigos científicos e bases de dados, como Scielo e Google Acadêmico, que possibilitasse compreender os processos históricos. Na sequência, fez-se uma análise quantitativa, consultando no site da CBF — mais precisamente o Portal da Governança — os relatórios de Gestão dos anos de 2020, 2021 e 2022, o que possibilita compreender o cenário do futebol masculino e feminino no Brasil.

Os resultados apontam que o número de jogos no feminino nos anos de 2020, 2021 e 2022 foram 1.111 jogos, já no futebol masculino foram 6.826, considerando os diversos campeonatos e séries disputados no Brasil. Quanto ao número de transferências, os documentos apontam que no futebol feminino ocorreram 205 transferências, enquanto no masculino foram 4.607, entre campeonatos profissionais, amadores, nacionais, internacionais e futsal. Em número de movimentações, no futebol de mulheres foram 548, enquanto no futebol de homens foram 27.390. Quanto aos árbitros, 174 são do gênero feminino e 732 do gênero masculino. No quesito que destaca o Capital Humano que trabalha na Confederação Brasileira de Arbitragem, são 579 homens, enquanto 174 são mulheres.

Com os dados levantados, é possível compreender que o cenário atual do futebol feminino é reflexo das perdas irreparáveis que o gênero teve na prática do futebol ao longo das décadas. Enquanto a história masculina era pautada em glórias e conquistas, a história das mulheres era carregada de invisibilidade e conceitos culturais. Diante disso, entende-se que o fator sociocultural contribuiu significativamente para a evolução do futebol masculino, considerando que as políticas públicas e privadas foram se concretizando favoráveis à prática da modalidade para o gênero ao longo da história. Apesar dos dados dos relatórios apontarem que o futebol feminino vem crescendo no país, gerando mais interesse das mídias, patrocinadores e do público, ainda é necessário continuar investindo em políticas que promovam equidade econômica, estrutural e social, para que a mulher possa usufruir da prática da modalidade no futebol.

## **2 Histórico do futebol masculino no Brasil**

Existem vários registros da chegada do futebol em terras brasileiras, alguns estudos indicam que o esporte foi trazido por marinheiros estrangeiros em 1864 (Guterman, 2009).

Outros estudos apontam para os anos de 1874 e 1878, o “descampado”, localizado em frente à residência da princesa Isabel no Rio de Janeiro, foi palco das primeiras partidas de futebol por diversão. Uma terceira hipótese indica que o futebol que era praticado por volta de 1867 no interior paulista, conhecido popularmente por “caipira” (Guterman, 2009). No entanto, a mais comprovada introdução do *football* no Brasil foi com o retorno de Charles Miller, que trouxe a versão do esporte e suas regras (Guterman, 2009).

Charles Miller, filho de ingleses, mas nascido no bairro paulistano do Brás, viajou aos 10 anos para estudar na Inglaterra, onde teve contato com o esporte e, com o retorno ao Brasil em 1894, trouxe na bagagem a primeira bola de futebol e um conjunto de regras (Rodrigues, 2004). Com isso, iniciou-se a prática e o desenvolvimento do futebol no país como um esporte de descontração, no seu primeiro momento, pois não existia remuneração aos jogadores e muito menos um lugar específico para a realização das partidas.

A primeira partida de futebol masculino aconteceu em 1895, em um terreno cedido por uma empresa de transporte, na Várzea do Carmo, próximo à região do Brás, que contou com a participação dos altos funcionários de duas empresas: a San Paulo Gas Company e a The São Paulo Railway Company (Amorim, 2022). Somente em 1901, o Velódromo Paulistano, construído em 1892 para as corridas de ciclismo, teve suas adaptações e tornou-se o primeiro estádio de São Paulo (Guterman, 2009). Nesse período, a participação feminina nas arquibancadas do Velódromo era frequente.

O processo de popularização do futebol no Brasil inicia-se na primeira década do século XX. A prática do esporte deixava de ser exclusividade da elite e passava a ser comum também àqueles que não pertenciam à alta sociedade, operários das fábricas, por exemplo (Ferreira, 2005). Em 24 de junho de 1900, foi criado o Sport Club Rio Grande, considerado o mais antigo dos clubes brasileiros. Na sequência, surgiu a Associação Atlética Ponte Preta, da cidade de Campinas-SP, seguida pela criação do Fluminense Futebol Clube em 1902, o mais antigo clube carioca (Frisselli, 1999),

Segundo o autor supracitado, a primeira Liga Futebol Paulista, fundada em 1901, contava com quatro equipes, sendo elas: Mackenzie, Sport Clube Internacional, São Paulo Athletic e Sport Club Germânia. Em 1902 é disputado o primeiro campeonato oficial, sendo que o Campeonato Carioca aconteceu apenas em 1906. Em meio a esse contexto, surge, em 1916, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que, por sua vez, apoiava a continuidade do amadorismo.

Mesmo antes da profissionalização do futebol, já existiam os campeonatos interestaduais, bem como jogos contra times de outros países — incluindo a conquista de nosso

primeiro título internacional em 1919, no Campeonato Sul-Americano —, como a participação da seleção na primeira Copa do Mundo de Futebol, em 1930, no Uruguai (Biazzi; Franceschi Neto, 2007). Todos os países filiados à FIFA foram convidados para participar do evento, porém somente 13 equipes aceitaram o convite, sendo 4 da Europa e 9 das Américas (Afonso, 2023).

A Copa do Mundo é um evento que ocorre de quatro em quatro anos em diferentes países-sedes a cada edição:

Foram disputadas 22 Copas do Mundo, contando até sua edição de 2022, e apenas oito países de dois continentes conseguiram levantar a taça de campeão. O Brasil é o primeiro da lista, com cinco vitórias sendo 1958 na Suécia, 1962 no Chile, 1970 no México, 1994 no Estados Unidos e 2020 no Japão e Coreia do Sul, sendo o único a ter disputado todas as edições do torneio (Franco, s.d., s.p.).

Com isso, mais precisamente nas primeiras décadas do século XX, o futebol ganhou novas proporções, empresas valiam-se da prática esportiva em ascensão para vincular sua imagem aos aspectos positivos, como propagandas divulgadas em jornais e revistas, que foram aumentando principalmente nos períodos de Copa, em que a visibilidade é ainda maior para os jogadores, clubes e seleções (Mascarenhas, 2012).

A partir da década de 1980, essa visibilidade da modalidade foi sinônimo de “bons negócios” para os investidores e patrocinadores do esporte. Antes desse período, os patrocínios aos clubes restringiam-se ao fornecimento de material esportivo (Goellner, 2006). A partir de então, viu-se uma ótima oportunidade de aliar a publicidade de marcas e produtos aos times de futebol, buscando retorno publicitário e vendas, para tanto, contava-se com o alcance e a visibilidade regional e nacional que o futebol possuía.

A partir da metodologia dessa pesquisa, considerando os levantamentos de dados históricos e as informações coletadas nos relatórios de Gestão do ano de 2020, 2021 e 2022 do Portal da Governança, foi possível compreender o cenário atual do futebol masculino, resultados desse esporte que virou um negócio que prosperou no Brasil e no mundo.

### **3 Histórico do futebol feminino no mundo e no Brasil**

No período da Ditadura Militar (1964-1985), tal prática também foi vetada pelo governo. Somente em 1979, por meio de uma deliberação do Conselho Nacional dos Desportos (CND), é que a mulher revê o seu direito de praticar o esporte. Assim é regulamentado e normatizado o futebol feminino no Brasil.

A história das mulheres e do futebol no Brasil é um tópico que merece mais atenção, tanto em termos de pesquisa, como em visibilidade. A história do futebol tem sido frequentemente contada apenas na ótica masculina e o papel das mulheres no esporte muitas vezes foi negligenciado (Damo, 2019).

Partindo de um contexto mundial, de acordo com o que conta Eliberto José Lessa de Moura (2003), nos registros da Fédération Internationale de Football Association (FIFA) foi em 1880, na Inglaterra, que Nettle Honeyball, uma ativista feminista, organizou uma partida de futebol feminino. Em compensação, Bill Murray (2000) alega que em 1895, em Crouch End, em Londres, Nettie (e não Nettle como supõe os arquivos da FIFA) Honeyball coordenou um jogo entre mulheres do Norte e do Sul da Inglaterra, partida essa que teria reunido mais de 8 mil espectadores. Além disso, outra data oficial foi registrada em 1898, quando as seleções da Inglaterra e da Escócia se enfrentaram. Ainda segundo Murray, a febre futebolística também chegou às mulheres e já em 1902, a Federação Amadora Inglesa (FA) tratou de conter os ânimos femininos banindo o esporte para elas (Murray, 2000 *apud* Moura, 2003, p. 8).

A história do futebol no Brasil começa a ser contada pelo, o Jornal “A Gazeta”, que anunciou a primeira partida de futebol feminino em 1921, entre as Senhoritas Tremembenses x Senhoritas Catarinenses, em meio às festas juninas. Antes disso, a figura feminina somente fazia parte secundária do esporte, apenas como moças recatadas nas arquibancadas, acompanhando as famílias e os maridos (Moura, 2003).

Com a pesquisa em artigos, conseguimos ver que a primeira partida de futebol entre mulheres aconteceu no ano de 1913, disputada entre dois times da Zona Norte paulistana: Cantareira e Tremembé (Franzini, 2005). O texto do periódico, publicado no dia 25 de janeiro de 1913, evidenciava a partida da seguinte forma:

Realiza-se hoje, no Velódromo Paulista, uma atraente festa esportiva, em benefício do hospital das crianças da Cruz Vermelha. Foi organizado um interessante match de foot-ball, no qual os rapazes do Sport Club Americano preparam magníficas surpresas. Esse match será jogado entre um team de senhoritas e outro de rapazes. A iniciativa coube à senhorita Catharina Bertoni, que infelizmente não poderá tomar parte no grande 'match', visto ter sido victima de um acidente, num dos últimos trainings (Correio Paulistano, 1913 *apud* Moura, 2003, p. 9).

Depois disso, o gênero feminino enfrentou o decreto-lei nº 3.199/41 (Brasil, 1941), que impediu a prática do “futebol feminino” competitivo desde 1941 até o início dos anos 1980. No decorrer desses anos, as futebolistas brasileiras conseguiram conferir mais visibilidade às suas performances corporais, sem se restringir à forte influência das prescrições médicas

relacionadas à sua saúde reprodutiva ou à intervenção das legislações governamentais (Goellner, 2005).

Quando, em 1981, o Decreto-Lei foi revogado, nasceu a primeira liga de futebol feminino no Rio de Janeiro. Neste ano surgiu, também no Rio de Janeiro, o Radar Futebol Clube, um dos grandes times brasileiros com jogadoras mulheres, que conquistou inúmeros títulos nacionais e internacionais. Também foi nesta época que muitas empresas se interessaram comercialmente pelo futebol feminino. Alguns jogos começaram a ser transmitidos pela televisão, fato que contribuiu para iniciar a sua propagação no país (Cunha, 2016, p. 238).

O aumento do protagonismo das jogadoras, especialmente a partir da década de 1930, desencadeou uma série de reações e desafios significativos nas sociedades que tradicionalmente consideravam o futebol como um domínio exclusivo dos homens. Com essa prática, originou-se uma espécie de moda que atraiu muitas adolescentes e jovens que se reuniam e formavam times para atuar em partidas informais e em competições diversas (Almeida, 2013).

Essas respostas podem ser compreendidas através de várias lentes. À medida que as mulheres se tornaram mais ativas no futebol, elas começaram a desafiar a noção de que o espaço público, incluindo campos de futebol e estádios, eram reservados exclusivamente para os homens. Isso provocou resistência por parte daqueles que viam a presença feminina no futebol como uma intrusão ou ameaça ao espaço tradicionalmente masculino, preconceito que é atribuído ao pensamento, imposto pela sociedade, de que futebol é coisa para homem. A partir dessa imposição, são criados padrões estéticos para o esporte e, por meio de uma ditadura, o futebol é relacionado como um esporte exclusivamente masculino (Franzini, 2005).

A participação das mulheres no ambiente esportivo brasileiro, assim como em muitas outras partes do mundo, é de fato uma história complexa e multifacetada, marcada por uma série de rupturas, evoluções e retrocessos. Essa diversidade se manifesta em diversas formas de envolvimento das mulheres no esporte, incluindo atletas, jornalistas, árbitros, torcedoras, treinadoras, dirigentes e muitas outras funções (Goellner, 2009).

No entanto, é inegável que desde cedo as mulheres foram socialmente condicionadas a se associarem a estereótipos de gênero que enfatizam a beleza, a maternidade e a feminilidade, em detrimento de seu desempenho esportivo e suas realizações no campo esportivo. Isso resultou em um foco desproporcional nos corpos e aparências das mulheres no esporte, em vez de suas trajetórias, conquistas e desafios (Goellner, 2005).

Essa ênfase na aparência, em detrimento das realizações esportivas, pode ser prejudicial de várias maneiras por reforçar estereótipos de gênero, limitando as oportunidades e o reconhecimento das mulheres no esporte. Além disso, pode criar pressões adicionais sobre as

atletas para que correspondam a padrões de beleza irreais, prejudicando sua autoestima e bem-estar.

Ao longo dos anos, tivemos progressos significativos na mudança dessas percepções e na promoção de uma abordagem mais equitativa e inclusiva do esporte. Mulheres atletas e defensoras da igualdade de gênero desempenham um papel importante na luta por uma representação justa e pelo reconhecimento das conquistas das mulheres no esporte. Ainda há trabalho a ser feito, mas essas mudanças indicam um movimento positivo em direção a um ambiente esportivo mais igualitário e centrado no mérito (Goellner, 2009).

Em 1996, um marco para a história. Pela primeira vez, o Comitê Olímpico Internacional (COI) permitiu a participação do futebol feminino nos Jogos Olímpicos, iniciada na edição de Atlanta. A Seleção dos Estados Unidos, dona da casa, ficou com o pódio e o Brasil fechou a sua participação em quarto lugar, mesma colocação dos Jogos de Sydney, na Austrália, em 2000. Quatro anos depois, em 2004, em Atenas, na Grécia, as brasileiras fizeram história ao conquistarem a sua primeira medalha com segundo lugar, após perderem a final contra os Estados Unidos, vindas de uma campanha excelente durante os Jogos. Na edição de 2008, na China, de novo a prata em um replay (em português, repetição) da última final. Em Londres 2012, mais uma vez a hegemonia dos Estados Unidos prevaleceu e elas levaram o ouro para casa. O Brasil caiu ainda nas quartas-de-final para o Japão (Cunha, 2016, p. 249).

#### 4 Resultados

Conforme mencionado na metodologia desse estudo, foram realizados levantamentos bibliográficos sobre a história do futebol masculino e feminino no Brasil e, na sequência, foram pesquisados dados quantitativos no *site* da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) — mais precisamente no Portal da Governança, no qual se encontram os Relatórios de Gestão dos anos de 2020, 2021 e 2022 — o que possibilitou compreender o cenário do futebol masculino e feminino no Brasil a partir dos quesitos e números analisados.

Foram analisados cinco quesitos: número de jogos, número de transferências; número de movimentações; capital humano (gênero) que trabalha na CBF e número de árbitros (as). Os resultados são apresentados na tabela abaixo:

**Quadro 1:** Análise dos relatórios do Portal da Governança dos anos de 2020, 2021 e 2022 relacionados ao futebol masculino e feminino

Item analisado	Futebol Masculino	Futebol Feminino
N. de jogos	6.826	1.111
N. de Transferências	4.607	205
N. de Movimentações	27.390	548

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2024).

**Quadro 2:** Análise dos relatórios do Portal da Governança dos anos de 2020, 2021 e 2022 relacionado aos gêneros

<b>Item analisado</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
Arbitragem	732	174
Capital Humano que trabalha na CBF	579	174

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2024).

Os resultados apontam que o número de jogos no feminino, nos anos de 2020, 2021 e 2022, foi de 1.111 jogos entre o Campeonato Brasileiro Feminino A1, Campeonato Brasileiro Feminino A2, Campeonato Brasileiro Feminino Sub-18 e Campeonato Brasileiro Feminino Sub-16. Já no futebol masculino, foram 6.826 jogos, considerando os diversos campeonatos e séries disputados no Brasil, tais como o Brasileirão, série A, B, C e D, Campeonato Aspirantes, Campeonato Brasileiro Sub-20, 17, Copa do Brasil, Copa do Brasil Sub-20 e 17, Supercopa do Brasil, Supercopa do Brasil Sub-17, Copa do nordeste, Pré-Copa do Nordeste, Copa Verde e Copa do nordeste Sub-20.

No quesito número de transferências, no futebol feminino houve 205 transferências, enquanto no masculino foram 4.607. Entre os tipos de transferências estão os campeonatos profissionais, amadores, nacionais, internacionais e o futsal. No número de movimentações, foram expostas as transferências do Brasil para o exterior e do exterior para o Brasil, contabilizando atletas amadores, profissionais, de futsal, atletas femininas, atletas sem contrato, em empréstimo, devolvidos (retorno de empréstimo), em empréstimo (com valores) e comprados. Os números apontam que no futebol feminino houve 548 transferências, enquanto no futebol de homens foram 27.390.

Nos dois últimos itens analisados, os quesitos pesquisados foram o número de árbitros mulheres (174) e o número de árbitros homens (732) que atuam no futebol pelo Brasil e pelo mundo. Entende-se que esse dado engloba de maneira direta a evolução do futebol no Brasil para os gêneros.

Para finalizar a análise dos dados, considerou-se o capital humano de homens e mulheres que trabalham na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e mais uma vez os homens são maioria, com 579 indivíduos, enquanto 174 mulheres atuam na gestão e administração do futebol no Brasil.

## **5 Considerações finais**

No primeiro momento dessa pesquisa, buscou-se realizar um levantamento histórico do futebol masculino e feminino para compreender a evolução da modalidade entre os gêneros. Com isso, os dados históricos indicam que o futebol masculino iniciou a sua prática pouco mais de trinta anos antes das mulheres, ganhando a preferência dos homens no Brasil.

Para as mulheres, o início da prática foi bastante conturbado devido aos fatores sociais e culturais que proibiam o gênero de praticar a modalidade, considerado um esporte de contato e violento, fora dos padrões femininos da época. Com isso, os caminhos trilhados ao longo dos séculos foram diferentes, enquanto a seleção masculina de futebol conquistava títulos mundiais na década de 1960 e 1970, as mulheres sofriam com a proibição da modalidade no Brasil, que perdurou por aproximadamente quarenta anos devido ao período de ditadura militar. Impedidas de praticar o futebol e de frequentar os estádios sem os maridos, as mulheres carregavam o peso social de serem “frágeis e delicadas”.

Ainda contextualizando a construção da história do futebol no Brasil, os homens conquistavam mais dois mundiais nos anos de 1994 e 2002, enquanto as mulheres iniciavam a prática do futebol em 1980, após a revogação do Decreto nº 3.199/41. Com a conquista dos mundiais no futebol masculino, aumentou o profissionalismo e a estrutura entre os clubes, melhoraram os salários para os jogadores e o interesse das mídias e patrocinadores. Para as mulheres, os fatores culturais que perduraram na época da ditadura trouxeram perdas irreparáveis e que são sentidas no cenário atual, conforme indicam os relatórios dos anos de 2020, 2021 e 2022, encontrados no Portal da Governança da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Conforme indicam os dados analisados nos relatórios, é possível compreender que existe uma modalidade, mas dois cenários de práticas completamente diferentes entre os gêneros. Nos quesitos número de jogos, número de transferências, número de movimentações, número de mulheres na arbitragem e número de mulheres trabalhando na Confederação Brasileira de Futebol, o futebol masculino é predominante e, em alguns casos, como o quesito de número de jogos nos diferentes campeonatos, a diferença é enorme.

Com os dados levantados, é possível compreender que o cenário atual do futebol feminino é reflexo das perdas irreparáveis que o gênero teve na prática do futebol ao longo das décadas. Enquanto a história masculina era pautada em glórias e conquistas, a história das mulheres era carregada de invisibilidade e de conceitos culturais. Diante disso, entende-se que o fator sociocultural contribuiu significativamente para a evolução do futebol masculino, considerando que as políticas públicas e privadas foram favoráveis à prática da modalidade para o gênero ao longo da história.

Apesar dos dados dos relatórios apontarem que o futebol feminino vem crescendo no país, gerando mais interesse das mídias, patrocinadores e do público, ainda é preciso continuar investindo em políticas que promovam equidade econômica, estrutural e social para que a mulher possa usufruir da prática do futebol.

## Referências

- AFONSO, L. A primeira Copa do Mundo. **Brasil Escola**. Disponível em: [brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/primeira-copa-mundo.htm](http://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/primeira-copa-mundo.htm). Acesso em: 15 nov. 2023.
- ALMEIDA, P. S. M. *et al.* Incidência de lesão musculoesquelética em jogadores de futebol. **Rev Bras Med Esporte**, v. 19, n. 2, mar./abr. 2013. Disponível em: [scielo.br/j/rbme/a/kdFGDhbZ3FHM6syL4wn6kJQ/?format=pdf](http://scielo.br/j/rbme/a/kdFGDhbZ3FHM6syL4wn6kJQ/?format=pdf). Acesso em: 7 mar. 2023.
- AMORIM, I. S. **Almanaque do futebol e do ensino de História**: Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História – Prof. História, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. 2022 Disponível em: [www.passeidireto.com/arquivo/123177904/iracema-amorim-almanaque-do-futebol-e-do-ensino-de-historia-v-2](http://www.passeidireto.com/arquivo/123177904/iracema-amorim-almanaque-do-futebol-e-do-ensino-de-historia-v-2). Acesso em: 6 mar. 2024.
- BIAZZI, A.; FRANCESCHI NETO, V. Futebol e política externa brasileira: entre o político-identitário e o comercial. **EF Deportes**, Buenos Aires, v. 11, n. 104, 2007. Disponível em: [ludopedio.org.br/biblioteca/futebol-e-politica-externa-brasileira-entre-o-politico-identitario-e-o-comercial](http://ludopedio.org.br/biblioteca/futebol-e-politica-externa-brasileira-entre-o-politico-identitario-e-o-comercial). Acesso em: 6 mar. 2024.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial da União**, seção 1, p. 7453, 16 abr. 1941. Disponível em: [www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html). Acesso em: 6 mar. 2024.
- CUNHA, T. C. P. M. O início do futebol feminino no Brasil: divergências históricas e o pioneirismo na prática. *In*: KESSLER, C. S. (org.). **Mulheres na área**: gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 212-232.
- DAMO, A. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA/UFMG [revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes]**, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 37-66, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.3.3.37-66. Disponível em: [periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644](http://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644). Acesso em: 27 nov. 2023.
- FERREIRA, F. C. Futebol de classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX. **Efdeports.com – Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 90, nov. 2005.
- FERREIRA, M. J. P. *et al.* Preconceito no futebol feminino no Brasil: uma revisão narrativa. **Revista Diálogos em Saúde**, Cabedelo, v. 1, n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/dialogosemsaude/article/view/211>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- FIFA, Federação Internacional de Futebol. **Torneio Olímpico de Futebol Feminino**. FIFA, 2021. Disponível em: [www.fifa.com/tournaments/womens/womensolympic](http://www.fifa.com/tournaments/womens/womensolympic). Acesso em: 13 set. 2021.
- FRANCO, G. História do Futebol. **Brasil Escola**. Disponível em: [brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/historia-do-futebol.htm](http://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/historia-do-futebol.htm). Acesso em: 6 mar. 2024.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, dez. 2005. DOI: doi.org/10.1590/S0102-01882005000200012. Disponível em: scielo.br/j/rbh/a/nTrFPPWwPkMTKPMmBmtRwCc/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 6 mar. 2024.

FRISSELLI, A.; MANTOVANI, M. **Futebol: teoria e prática**. São Paulo: Phorte Editora, 1999.

GIULIANOTTI, R. Football. *In*: RITZER, G. (ed.). **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Globalization**. Chichester: John Wiley & Sons, Ltd, 2012.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista de Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2006. DOI: doi.org/10.5216/rpp.v8i1.106. Disponível em: revistas.ufg.br/fef/article/view/106/101. Acesso em: 6 mar. 2024.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, 2005. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rbef/article/view/16590. Acesso em: 6 mar. 2024.

GOELLNER, S. V. Imagens da mulher no esporte. *In*: PRIORE, M.; MELO, V. (org.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 263-292.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MASCARENHAS, G. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. *In*: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (org.). **Visões do Brasil: estudos culturais em geografia**. Salvador: EDUFBA: Edições L'Harmattan, 2012. p. 67-85. Disponível em: https://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-05.pdf. Acesso em: 7 mar. 2024.

MOURA, J. E. L. As relações entre lazer, futebol e gênero. 2003. 125 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=470330. Acesso em: 7 mar. 2024.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, p. 73-86, jan. 2005. Disponível em: redalyc.org/pdf/4013/401338509006.pdf. Acesso em: 7 mar. 2024.

MURRAY, B. **Uma história do futebol**. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 2000.

RODRIGUES, F. X. Modernidade, disciplina futebol: uma análise sociológica da

produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, n. 11, p. 260-299, jan./jun. 2004. DOI: [doi.org/10.1590/S1517-45222004000100012](https://doi.org/10.1590/S1517-45222004000100012). Disponível em: [scielo.br/j/soc/a/KNWRL45NFyxhynLWTxR7tsr/?format=pdf](https://scielo.br/j/soc/a/KNWRL45NFyxhynLWTxR7tsr/?format=pdf). Acesso em: 6 mar. 2024.

VOSER, R. C.; GUIMARÃES, M. G. V.; RIBEIRO, E. R. **Futebol**: história, técnica e treino de goleiro. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2006.